

[+ voltar para capa](#)

Editorias

- + Opinião
- + Cidades
- + Economia
- + Esportes
- + Caderno C
- + Charge
- + Brasil
- + Mundo
- + Cena urbana
- + Horóscopo
- + Esotérico
- + Há 50 anos
- + Tiras

Classificados

Revista



Colunas

Suplementos

Especiais

Serviços

Publicada em 29/11/2005

Economia

Miséria atinge menor patamar desde 1992

Índice caiu de 35,87%, registrado 12 anos atrás, para 25,08% em 2004

Do Rio

Estudo divulgado ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do 200 levantamento, mostra que a proporção de pessoas abaixo da linha de miséria passou de 27,26% em 2003 para 25,08% em 2004. Em 1992, a proporção de miseráveis era de 35,87%. Apesar da melhora, uma a cada quatro pessoas no país viviam com uma renda inferior a R\$ 115,00 por mês no ano passado.



Em 2004, a miséria caiu 8%. O resultado foi motivado principalmente pela redução da desigualdade social. A renda domiciliar per capita cresceu 2,85% e o índice de Gini, fórmula internacional usada para comparar a desigualdade da renda em valores de 0 a 1, na qual 1 é o pior indicador, teve queda de 2,05%. "O que chama mais atenção é a combinação entre crescimento e redução da desigualdade", afirma o economista Marcelo Neri, responsável pela elaboração do estudo.

Em 2004, a economia brasileira cresceu 4,9%. A série histórica mostra que anos de forte geração de emprego, como o ano passado, apresentam maiores quedas na proporção de pessoas abaixo da linha de miséria. "A redução da pobreza se deu por dois motivos: dois terços por efeito de desconcentração da renda e um terço pelo crescimento econômico. Esse resultado mostra que é possível combater a pobreza atacando pelas duas frentes", disse.

Não é a primeira vez que a desigualdade social cai de um ano para o outro. Desde 2001 ela tem apresentado quedas gradativas, mas de 2003 para 2004 ela duplicou seu ritmo de queda. Segundo Neri, o que pode estar por trás desse movimento são fatores como a recuperação do mercado de trabalho, com maior oferta de empregos formais, a maior escolarização do brasileiro e o ajuste de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família. "Cresceu a participação do Estado na economia. Ele está transferindo mais renda para as pessoas e talvez esteja começando a fazer isso de forma melhor", afirmou.

Se a desigualdade apresenta uma tendência definida de queda, a miséria tem apresentado comportamento mais volúvel. No segundo ano do governo Lula, ela caiu 8%. No primeiro ano de governo, no entanto, ela cresceu 3,95%. Na avaliação de Neri, o aumento de 2003 pode ser atribuído ao ataque especulativo com a eleição de um presidente de esquerda e com a criação de programas de distribuição de renda considerados "equivocados", como o Fome Zero.

A média de queda da miséria do governo Lula é de 2,2%, resultado superior ao do 2º mandato de Fernando Henrique Cardoso, quando a média anual foi de 1,8%, mas inferior ao da 1ª gestão do ex-presidente, quando a queda da miséria foi de 4,5% ao ano. (Da Folhapress)

O NÚMERO

2,85% crescimento. Índice da renda domiciliar per capita em 2004

Metade dos pisos atinge até R\$ 450

Economista do Dieese diz que estudo confirma que salários estão muito baixos

De São Paulo

Metade dos pisos salariais — menor valor estipulado como remuneração para determinada categoria ou empresa — varia de R\$ 300,00 a R\$ 450,00 segundo estudo divulgado ontem pelo Dieese. Em 86% dos pisos salariais analisados pelo Dieese, o valor corresponde a dois salários mínimos (R\$ 600,00) no máximo. Só 4,6% dos pisos superam três mínimos (R\$ 900,00).

Para o economista do Dieese, Ilmar Ferreira da Silva, o estudo confirmou a suspeita do movimento sindical. "Os pisos salariais estão muito baixos."

O economista disse que a análise do Dieese mostrou que a negociação do piso está atrelada ao valor do salário mínimo, fixado hoje em R\$ 300,00.

"O salário mínimo acaba orientando o empresário a definir o valor da remuneração inicial da maior parte das categorias profissionais", disse Ferreira. Segundo ele, a elevação dos pisos salariais passa pela discussão da recomposição do poder de compra do salário mínimo.

"É importante criar uma política de valorização do salário mínimo para que o patamar salarial de todos os trabalhadores também seja elevado", afirmou Ferreira.

Para cobrar do governo a elevação do salário mínimo para R\$ 400,00 as centrais sindicais saíram ontem em carreata de São Paulo em direção a Brasília. Pela proposta orçamentária para 2006, o mínimo será corrigido para R\$ 321,00.

Por segmento econômico, o estudo do Dieese mostrou que os maiores pisos salariais são pagos pelas empresas do setor de serviços. No setor de serviços, 32% dos contratos negociados resultaram em pisos superiores a dois salários mínimos, principalmente nos ramos de comunicações e transportes. No comércio, só 12% dos pisos ultrapassaram dois salários mínimos. Essa proporção cai para 3% na indústria.

O estudo mostrou que o piso salarial médio do setor de serviços corresponde a 1,91 salário mínimo. No comércio, a média é de 1,66 salário mínimo. Na indústria, o piso médio recua para 1,47 salário mínimo. O estudo do Dieese analisou 175 informações sobre pisos salariais negociados em acordos e convenções coletivas firmados no primeiro semestre de 2005.

Dos 175 analisados, metade veio de três Estados: Santa Catarina (19%), Rio Grande do Sul (16%) e São Paulo (15%). As outras negociações desenvolveram-se em dez unidades da federação. (Da Folhapress)

◀ voltar

LEIA TAMBÉM:

[Diário do Povo](#) 
[Cosmo On Line](#)

ASSINE O CORREIO POPULAR

19 3736.3200

ligue agora!

CONTATO

 [E-mail](#)

 [FAQ](#)

[Anuncie no Correio Popular Digital - clique aqui!](#)

Copyright © 2005 Correio Popular.